

## A escavação arqueológica no Povoado das Cimalhas – Felgueiras

*Pedro Brochado de Almeida\* e Francisco Fernandes\**

### Resumo

A escavação arqueológica efectuada nas Cimalhas detectou um povoado atribuível à Idade do Bronze. Os vestígios encontrados permitiram identificar diversas áreas com funções especializadas. Desde uma área habitacional, passando pela zona com fossas de aprovisionamento, até à necrópole do povoado, todas as áreas são constituídas por estruturas do tipo fossas abertas no saibro. O trabalho apresentado é o primeiro estudo sintético das diferentes áreas detectadas pela escavação arqueológica, tendo em atenção a não dicotomia entre sagrado e profano e o valor dos mortos como legitimadores dos lugares, criadores de memória e de identidade.

### Abstract

The archaeological intervention executed at Cimalhas, detected the existence of a settlement belonging to the Bronze Age. The evidences found allowed the identification of different areas with “specialized functions” in the settlement. From a residential area, to a zone with storage pits, and the necropolis, all the areas of the settlement are constituted by structures cut in the sandy clay. The work here presented is the first synthetic study of the different areas detected by the archaeological excavation concerning the non-dichotomy between the sacred and the profane and the value of the dead, as legitimators of places, creators of memories and identities.

### 1. Introdução

O trabalho agora apresentado é a primeira abordagem ao estudo do povoado das Cimalhas – Felgueiras. Este facto coloca, logo à partida, algu-

mas reservas quanto ao nível de fiabilidade de alguns dos dados e conclusões apresentadas. Por isso, este trabalho não é mais do que uma mera elencação dos mais importantes elementos identificados e re-

---

\*Arqueólogo.



**Figura 1.** Planta de localização da estação arqueológica das Cimalhas.

colhidos durante a intervenção arqueológica. Como veremos, a falta de algumas datações seguras relativiza muitas das deduções que podemos de momento fazer.

O povoado da Cimalha foi descoberto na freguesia de Sernande, concelho de Felgueiras, distri-

to do Porto, e localiza-se num morro de média dimensão, com vertentes suaves e sem condições naturais de defesa (Fig.1).

Deste ponto, é possível observar, a Este, o complexo montanhoso da Serra do Marão. A vertente com maior inclinação encontra-se voltada a Oeste, sendo as vertentes Este e Norte de fácil acesso. As linhas de água encontram-se a pouca distância, mas encaixadas nos vales que as circundam.

Os terrenos da envolvente possuem óptimas condições agrícolas, condições essas que se prolongam inclusivamente pelas vertentes do próprio povoado. Deste modo, é possível encontrar terreno agrícola em abundância no interior do território potencialmente explorável que se situasse entre os 15 a 30 minutos de distância.

O terreno geológico é composto por granito que se encontra em avançado estado de decomposição, mas que ainda é suficientemente impermeável e resistente para comportar as estruturas rasgadas nesse mesmo terreno.

A cobertura vegetal do local é essencialmente composta por espécies arbustivas e herbáceas, existindo ainda alguns eucaliptos, sobretudo na vertente mais a Sul/Sudeste.

A área arqueologicamente intervencionada situa-se na vertente Norte, sendo que, tanto o topo do morro, como a vertente Sul se encontram já parcialmente urbanizadas, tendo mesmo na vertente sudeste laborado uma pedreira de rocha granítica.

A escavação arqueológica no Povoado das Cimalhas foi realizada no âmbito dos trabalhos de minimização dos impactos causados pela construção da auto-estrada A11/IP9 (sublanço Guimarães

– IP4), trabalhos promovidos pela AENOR, tendo sido realizada pela empresa de arqueologia Mola Olivarum, Património Lda.

A intervenção arqueológica decorreu em três fases distintas. Tal, prende-se com o facto de o local estar identificado no PDM de Felgueiras como uma Atalaia Medieval, o que conduziu às primeiras sondagens arqueológicas, de forma a confirmar o potencial arqueológico do sítio. Desde logo, os vestígios recolhidos na primeira fase permitiram reclassificar o local, apontando agora para uma cronologia da Idade do Bronze. Numa segunda fase, foi aumentada a área escavada, de forma a clarificar algumas das estruturas humanas detectadas, tendo-se, na terceira e última fase da intervenção arqueológica, escavado toda a área que seria destruída pela construção do corredor da auto-estrada, o que correspondeu a um total de cerca de 4500 m<sup>2</sup> de área escavada.

Em termos temporais, a intervenção arqueológica decorreu de 23 de Outubro a 7 de Novembro de 2003 (1<sup>a</sup> fase); de 17 de Novembro a 12 de Dezembro do mesmo ano (2<sup>a</sup> fase); e, por fim, de 26 de Janeiro a 23 de Junho de 2004 e de 26 de Outubro de 2004 a 21 de Fevereiro de 2005 (3<sup>a</sup> fase).

Quanto à metodologia da escavação, esta foi sendo afinada consoante se ia avançando nas diferentes fases da mesma e na identificação dos diferentes vestígios arqueológicos. No geral, em todas as valas de sondagem, bem como nas quadrículas montadas na 3<sup>a</sup> fase, foi seguido o método de decapagem em área das camadas reais até se atingir o terreno geológico, tendo sido referenciados materiais e estruturas encontradas no seu interior e, neste caso, em articulação com os eventuais estratos arqueológicos.

## 2. Estruturas identificadas

A intervenção arqueológica permitiu identificar e distinguir quatro tipos de estruturas em “negativo”, ou seja, fossas abertas no saibro, divididas respectivamente por buracos de poste, que formariam duas cabanas; fossas de aprovisionamento de alimentos; valados e, por fim, sepulturas.

### 2.1. As cabanas

Os trabalhos arqueológicos permitiram identificar a localização de duas estruturas cujos alicerces assentavam em buracos de poste, que perfazem um total de 68, sendo que 46 pertencem à cabana 1 e os restantes 22 à cabana 2. Situadas junto ao limite Sul da área escavada, as suas formas deram-se a conhecer tanto pelos buracos de poste, como pelos pisos e pelas respectivas lareiras.

A localização de ambas é muito próxima, sendo que em seu redor existem várias fossas de aprovisionamento. Não existem estruturas similares noutras áreas da escavação, pelo que parece credível pensar que as restantes estruturas arquitectónicas encontram-se numa cota superior àquela onde se procedeu a esta intervenção. Esta hipótese sai reforçada pelos dados saídos de uma outra intervenção, liderada pelo Prof. Doutor Francisco Queiroga, onde foram identificados buracos de poste junto ao topo do monte da Cimalha.

A grande quantidade de buracos de poste encontrados, alguns dos quais com alinhamentos diferentes, permitem pensar em diversas reformulações. Essa necessidade estará relacionada com a combinação de 3 factores: os fortes ventos que aí se fazem sentir, especialmente durante o Inverno, a implantação do povoado num monte desabrigado e a natureza dos materiais de construção.

Aliás, a preocupação com a resistência das construções levou à criação de cabanas com a forma de gota de água, sendo que a área em forma de cunha encontra-se volta para Este, de onde provêm os ventos mais fortes. Deste modo, diminuiu-se a resistência ao vento.

No interior do perímetro delimitado pelos buracos de poste, que formam respectivamente as duas cabanas, foram detectadas duas lareiras, uma por cabana, o que permite concluir a ocupação habitacional das mesmas.

### 2.2. As fossas de aprovisionamento

No total foram encontradas 141 fossas de aprovisionamento. A maioria delas provavelmente serviria para o aprovisionamento de alimentos, sendo que a maior percentagem dessas fossas não está as-



Figura 2. Imagem do silo 33.

sociada às cabanas identificadas, permitindo pensar que a Cimalha possuía uma área comunitária especializada no armazenamento de alimentos.

A selecção da sua localização era meticulosa, impondo que todas fossem rasgadas em áreas onde a rocha já havia perdido a coesão estrutural, transformando-se em saibro. Esta opção garantia que as fossas de aprovisionamento eram abertas rapidamente e sem grande dispêndio de recursos (Fig.2)

Todavia, foram encontradas algumas fossas de aprovisionamento cuja construção foi interrompida e abandonada. Por se ter encontrado rocha inalterada a pouca profundidade, estas fossas foram cheias de terra e inutilizadas. Consequentemente, o esforço construtivo foi direccionado para uma área onde as condições do terreno eram mais favoráveis. Como exemplo ilustrativo desta situação encontramos a Fossa 17.

Essas decisões só foram possíveis porque o monte da Cimalha colocou poucos entraves à expansão do povoado. As suas encostas suaves e prolongadas disponibilizaram áreas amplas, pelo que não era difícil encontrar locais alternativos para implantar estruturas inicialmente planeadas para outros espaços.

As fossas de aprovisionamento podem ser divididas em três grandes categorias consoante a sua capacidade de armazenamento: de

grande, de média e de pequena capacidade. Existem alguns exemplares cuja capacidade rondaria os 100 litros (Fossa 20), enquanto outros poderiam conter até 1800 litros (Fossa 66). Todavia, a média rondaria entre os 400 e os 500 litros de capacidade de armazenamento.

Tipologicamente, as fossas de aprovisionamento assumem diversas formas, embora se destaquem duas. A forma mais comum é a circular com fundo arredondado e entrada larga. A outra possui forma ovóide com fundo arredondado e entrada estreita.

Foram recolhidas diversas amostras de terras para análises posteriores, cujo intuito é o de proceder à identificação das espécies armazenadas, bem como à datação de alguns dos carvões que se encontraram no seu interior. No estado actual da investigação não é possível revelar nenhum dos resultados (Fig.3).

A escavação das fossas de aprovisionamento permitiu perceber que o seu abandono foi progressivo. A análise das camadas arqueológicas detectadas no seu interior, indicam-nos camadas de deposição de detritos, de origem natural e antrópica. O abandono destas estruturas é tanto mais evidente quando se percebe que perto da boca da fossa n.º 63 foi encontrada uma mó manual a selar a mesma.



Figura 3. Imagem do silo 8.



Figura 4. Imagem da fossa 243.

Em algumas destas fossas de aprovisionamento foram detectados, no seu interior, vestígios de entalhes escavados nas paredes de saibro da fossa, quer perto da sua boca, o que serviria para colocar uma tampa que selasse a fossa e a protegesse o seu conteúdo das intempéries naturais, favorecendo assim sua preservação, quer a meio da fossa, o que leva a supor que se trataria de uma divisão interna da própria fossa.

A escavação das fossas de aprovisionamento não permitiu detectar quaisquer resíduos de um provável revestimento das paredes das fossas de aprovisionamento.

Caso único é o da fossa de aprovisionamento n.º 105, porque possuía um fundo falso em argila. Uma vez removido, foi possível identificar a existência de uma pequena cavidade repleta de cinzas. Estas foram recolhidas para futuras análises laboratoriais, embora, como hipótese de trabalho, é provável que

pudessem pertencer a uma cremação. De qualquer modo, estamos face a um depósito intencional, posterior à utilização da fossa que, devido à sua selagem, ter-se-á mantido em funcionamento como fossa de aprovisionamento, já que as cinzas nunca estavam em contacto directo com o conteúdo da fossa. Se assim foi, poderá este ser um indício de propriedade?

### 2.3. Os enterramentos

Os enterramentos identificados nesta intervenção podem ser divididos em dois tipos, os de inumação e de cremação, cujo único exemplar será a Fossa 105, anteriormente referida.

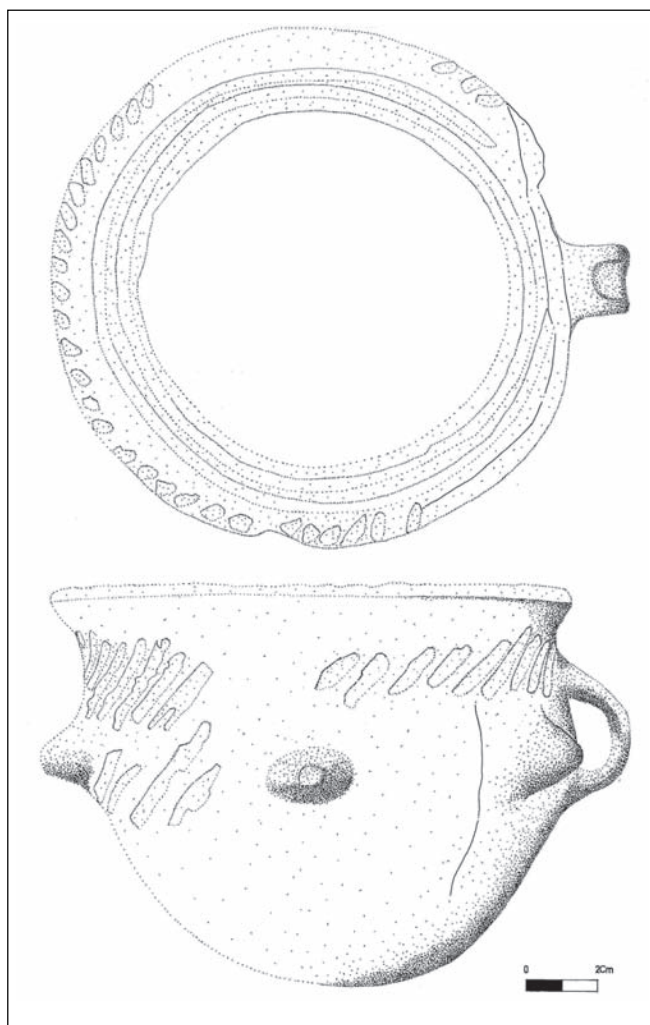
A quase totalidade das sepulturas, num total de 162, é composta por cistas planas de inumação, sub rectangulares, com paredes côncavas, rasgadas no terreno geológico. As suas dimensões variam entre 0,5m e os 2m, embora existam sepulturas com 2,20m (Fossa 50), enquanto a sua profundidade ronda os 30 a 40 cm.

Nem todas possuem uma orientação semelhante: 27 das sepulturas possuem uma orientação Este/Oeste, 28 possuem uma

orientação Nordeste/Sudeste e, grande maioria delas, num total de 107, possui uma orientação Norte/Sul. Esta situação levanta a possibilidade dos enterramentos terem sido efectuados ao longo de um período cronológico muito dilatado (Fig.4). Esta hipótese pode ser confirmada pela sobreposição de algumas das sepulturas, bem como pelos resultados das amostras de carvões retiradas de algumas delas, amostras submetidas a testes de Carbono 14.

Em 120 dessas sepulturas encontrava-se um pote cerâmico, provavelmente votivo, situado numa das extremidades da mesma.

Tipologicamente, baseados na divisão formal apresentada por Ana Bettencourt (1999), as peças dividem-se em 9 formas distintas, existindo 25 peças cuja forma ainda não foi possível identificar. A maioria das peças, num total de 65, pertence à forma 14. São potes tronco-cónicos, com asa, decorados com mamilos e/ou incisões variadas, ou sem



**Figura 5.** Imagem do pote recuperado da fossa 172 (PCSF/04 - 308/09: Tiago Brochado de Almeida)

decoração (Fig.5). O segundo grupo mais representado corresponde à forma 13. São vasos hemisféricos de bordo horizontal, num total de 18 peças (Fig.6). Encontram-se ainda 6 peças encontraram-se peças com forma de copo sub cilíndrico, com e sem asa, sem decoração. Os restantes seis grupos possuem um único exemplar.

Ao relacionarmos as tipologias formais das peças com a orientação das sepulturas, sobressai que a maioria das peças troncocónicas, num total de 48, provêm de sepulturas orientadas no sentido Norte/Sul, sendo que 17 foram retiradas de sepulturas com orientação Este/Oeste. Quanto aos vasos hemisféricos, a maioria, num total de 15, foi retirado de sepulturas com orientação Norte/Sul, 1 Este/Oeste

e os restantes Nordeste/Sudoeste. Todas as restantes peças, das outras 7 formas, foram retiradas de sepulturas com uma orientação Norte/Sul.

Embora as datações ainda não sejam sustentadas por métodos radiocarbónicos, o cruzamento da orientação das sepulturas com a tipologias dos vasos cerâmicos, parece indicar que as sepulturas orientadas no sentido Este/Oeste serão as de cronologias mais antigas. Esta orientação é quase exclusiva de peças troncocónicas, cuja datação tem sido apontada entre o final do III milénio e meados do II milénio a.C.. Os vasos hemisféricos com bordo horizontal podem ser datados, na sua maioria, como pertencentes ao 2º milénio a.C.. Todas as outras orientações possuem formas cuja datações vão até ao final da Idade do Bronze, em coexistência com as peças troncocónicas (Bettencourt, 2000:13-20).

Como prova adicional a esta hipótese, apresenta-se a sobreposição da sepultura nº 235, onde foi encontrado um vaso hemisférico de bordo horizontal, com uma orientação Norte/Sul, que corta as sepulturas nº 233 e 236, estas com uma orientação Este/Oeste. A sepultura nº 236 já não possuía nenhum vaso, enquanto que o único pote encontrado na sepultura nº233 possui uma forma, de momento, impossível de determinar.

Contudo, apresentamos algumas ressalvas para estes dados, já que nem as datações foram comprovadas por métodos absolutos, nem a totalidade da área da necrópole foi escavada. Mesmo assim, face ao número de sepulturas escavadas, os dados afiguram-se com alguma consistência, e serão, posteriormente, objecto de um estudo mais aprofundado.

Caso curioso é o da sepultura n.º 322 que possui uma orientação Norte/Sul. Durante a sua escavação foi identificado, sob a forma de madeira carbonizada, um suposto caixão. No interior dessa caixa de madeira, composta por fundo, paredes laterais e tampa, foi encontrado um pote troncocónico em muito bom estado de conservação.

Outras sepulturas possuíam o mesmo ritual de enterramento, mas em nenhum dos casos foi possí-

vel documentá-lo com tanta precisão. Nelas também se constatou a presença de madeira carbonizada e cinzas, mas em nenhuma delas era evidente que faziam parte de uma caixa em madeira. Essa evidência só se tornou clara com a descoberta da sepultura n.º 322.

Perante esta evidência, será necessário actualizar os conceitos relacionados com os rituais de enterramento deste período, para a região do Nordeste de Portugal. Ao confirmarem-se as datações apresentadas através de métodos radiocarbónicos, que se irão realizar de futuro, este facto irá alterar a visão sobre a mentalidade e relação que existia na Idade do Bronze, relativamente aos rituais associados à morte e enterramentos subsequentes.

Relativamente aos enterramentos após cremação, a intervenção arqueológica só detectou um possível caso, o da Fossa n.º 105, já mencionado anteriormente.

### 3. Conclusões

Por se tratar de uma primeira abordagem aos dados recolhidos na escavação, não é possível adiantar conclusões profundas sobre este povoado. Em estudos posteriores, lançar-se-ão elementos mais concretos sobre o local.

Contudo, a estação arqueológica da Cimalha, com pelo menos dois níveis de ocupação, apresenta características de ter sido um povoado com estruturas abertas no saibro, provavelmente aberto, cuja ocupação percorreu toda a Idade do Bronze.

A área escavada revelou a presença de três áreas especializadas do povoado: uma habitacional, associada a estruturas de aprovisionamento; uma outra exclusivamente de aprovisionamento, o qual se poderia apelidar de “grande armazém”; e uma terceira funerária, situada relativamente próxima da área de aprovisionamento. Deste modo, poder-se-á

pensar que o sítio das Cimalhas foi um lugar onde as actividades sagradas e profanas estiveram profundamente interligadas, numa perspectiva de ver o mundo onde os mortos e vivos convivem em grande intimidade.

Embora ainda não exista um suporte de datações absolutas para a estação, a ainda sucinta análise dos vasos cerâmicos saídos da necrópole, parecem indiciar que este povoado teve uma ocupação fixa, desde o final do III milénio a.C., até ao final da Idade do Bronze. Salientamos o carácter de ocupação fixa do local, já que a grande quantidade de estruturas de aprovisionamento e de sepulturas, não se coadunam com a ideia de povoado de ocupação sazonal.

Assim, cremos que as populações que ocuparam o sítio da Cimalha, desde o Bronze Antigo ou Bronze Médio, tiveram necessidade de o marcar

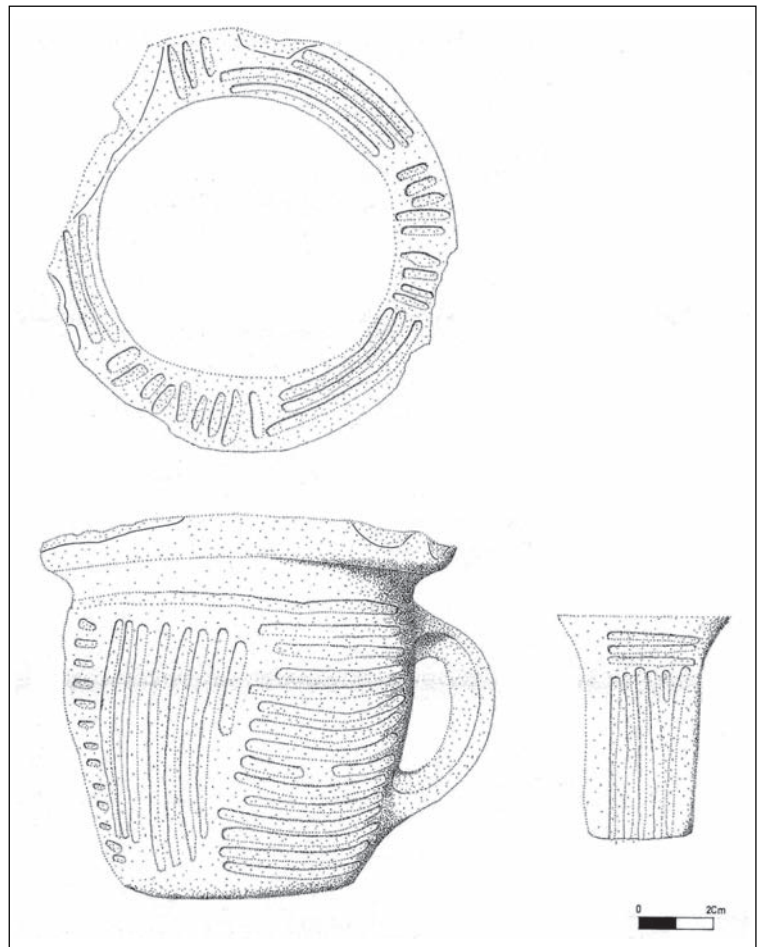


Figura 6. Imagem do pote recuperado da fossa 174 (PCSF/04 - 3/09; Tiago Brochado de Almeida)

simbolicamente e de lhe conferir um “sentido de sítio”, assegurando, deste modo, a estabilidade, a legitimação da posse e criando laços de identidade com o novo território de vivência. Com os dados que dispomos, tal parece ter sido feito através dos enterramentos continuados, em actos que se supõem públicos, tendo em vista as características abertas e de fácil acesso ao cemitério, pois os mortos contri-

buem para conferir identidade aos locais, tornando-se, progressivamente, em antepassados, a quem a sociedade atribui histórias que contribuem para perpetuar a memória do lugar.

Como não foram detectados vestígios posteriores, poderá deduzir-se que este povoado perdeu funcionalidade, tendo sido definitivamente abandonado antes da transição para a Idade do Ferro.



## Bibliografia

### Fontes impressas

BETTENCOURT, A.M.S. (1997) - Expressões funerárias da Idade do Bronze no Noroeste Peninsular. *Actas do IIº Congreso de Arqueología Peninsular*. Zamora. Fundación Rei Afonso Henriques, p. 621 - 632.

BETTENCOURT, A.M.S. (1999) - *A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC*. 5 vols (Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho, na área de Pré-História e História Antiga – policopiada).

BETTENCOURT, A.M.S. (2000) - *Estações da Idade do Bronze e Inícios da Idade do Ferro da Bacia do Cávado (Norte de Portugal)*. Cadernos de Arqueologia” - Monografias 11. Braga: Universidade do Minho/Instituto de Ciências Sociais.

BETTENCOURT, A.M.S., SANCHES, M.J., ALVES, L.B. & FÁBREGAS VALCARCE, R. (no prelo). Spaces and places for agency, memories and identities in Prehistoric and Protohistoric Europe: an introduction. In BETTENCOURT, A.M.S., SANCHES, M.J., ALVES, L.B. & FÁBREGAS VALCARCE, R. eds.- *Spaces and Places for Agency, Memory and Identity in prehistoric and protohistoric Europe, Proceedings of the 15<sup>th</sup> Congress of the International Union for Prehistoric and Protohistoric Sciences, Lisbon, September 2006*.

JORGE, S.O. (1988) - O Povoado do Frade (Baião) no quadro do bronze final do Norte de Portugal. *Monografias Arqueológicas*. 2. Porto: GEAP.